

**A FORMA URBANA DO SÍTIO HISTÓRICO DA PRAINHA EM VILA VELHA/ES:
LEITURA E INTERPRETAÇÃO**

***URBAN FORM OF PRAINHA'S HISTORICAL SITE IN VILA VELHA/ES: READING
AND INTERPRETATION***

Melissa Ramos da Silva Oliveira¹

Esdras Eduardo Pontes Almonfrey²

Resumo

Este artigo analisa a forma urbana do sítio histórico da Prainha de Vila Velha/ES a partir de um método de análise gráfica consolidado pela escola de morfologia urbana portuguesa. O objetivo da pesquisa é compreender o processo de produção da forma urbana para explicar tanto os atributos que definem o tecido e o traçado, quanto os que influenciam sua permanente transformação. A Prainha constitui um relevante sítio histórico que abriga uma amostra representativa das ações do tempo e permanências identificadas na conformação do espaço urbano da cidade de Vila Velha. O método baseia-se na apreciação crítica fundamentada do tecido e do traçado urbano e seus elementos que o compõem. Essa análise baseia-se na produção gráfica de esquemas analítico-interpretativos que avaliam o tecido e sua sedimentação. Esta pesquisa destaca a relevância da utilização do método de análise gráfica aplicado à cidade construída para compreensão do tempo, suas conformações, permanências e rupturas.

Palavras-chave: morfologia urbana; tecido urbano; traçado urbano; análise gráfica.

Abstract

This paper analyses the urban form of the historical site of Prainha of Vila Velha/ES using a method of graphic analysis that has been consolidated by the Portuguese urban morphology school. The goal of the research is to understand the production process of the urban form to explain both the attributes that have been defined the fabric and the layout, as well as those that have been influenced its permanent transformation. Prainha is a relevant historical site that houses a representative sample of the actions of the time and the permanences that have been identified in the conformation of the urban space of the city of Vila Velha. The method is based on the critical appreciation of the urban fabric and layout and its elements that comprise them. This analysis is based on the graphic production of analytical-interpretative schemes that evaluates the fabric and its sedimentation. This research highlights the relevance of using a method of graphic analysis applied to the city built to understand the time, its conformations, permanences and breaks.

Keywords: urban morphology; urban fabric; urban lay out; graphic analysis.

¹ Professora Doutora, UVV – PPGAC – Mestrado Arquitetura e Cidade, Vila Velha, ES, Brasil, melissa.oliveira@uvv.br; ORCID: 0000-0002-8529-5180.

² Graduando, UVV – Arquitetura e Urbanismo, Vila Velha, ES, Brasil, esdras-eduardo@outlook.com; ORCID: 0000.0001.9579.1914.

1. Introdução

A cidade é um artefato em permanente metamorfose, no qual alguns elementos resistem às mudanças enquanto outros se renovam e promovem adaptações à novos contextos. Abordar a dinâmica de sua evolução torna-se um desafio para diversas áreas. Os estudos voltados a Morfologia Urbana permitem o entendimento dessas transformações, sobretudo os conectados a forma urbana e seu processo de produção e interpretação enquanto objeto socialmente construído. A Morfologia Urbana remete ao estudo dos atores e processos responsáveis pela sua transformação e contempla o modo como se organizam os elementos morfológicos que constituem e definem o espaço a partir de “aspectos de organização funcional, quantitativos, qualitativos e figurativos” (LAMAS, 1993, p. 44). Essa leitura não pode ser realizada somente pelas três dimensões físicas que definem o espaço, mas também pela ação do tempo, pois como destaca Coelho (2015, p. 14) em uma cidade “coincidem todos os tempos e todos são contemporâneos na sua experimentação”. Os estudos da Morfologia Urbana englobam diversos sistemas, dentre os quais se destaca o da forma urbana que averigua a forma física da cidade e seus elementos que o compõem tais como traçados, ruas, quarteirões, lotes, praças e monumentos.

Esse artigo analisa a forma urbana a partir da sua evolução e adota o tempo como protagonista. A leitura morfológica realiza-se a partir do tecido e sua decomposição e o traçado e sua relação com o sítio onde está inserido. A sedimentação contempla a evolução do traçado, com o intuito de investigar o efeito do tempo na forma da cidade. Essa investigação realiza-se no sítio histórico da Prainha de Vila Velha/ES com o objetivo de identificar os fatores que estão na gênese da sua estruturação. Como objetivo específico almeja identificar as resistências e as rupturas advindas desse processo de transformação. É fundamental ressaltar que essa leitura se realiza no momento presente, porém parte do entendimento de que a atualidade resulta de um processo dinâmico e evolutivo que se consolida ao longo do tempo e que a leitura da forma urbana permite a compreensão desse processo.

A Morfologia Urbana utiliza métodos distintos para efetuar a análise da cidade. Dentre eles destaca-se o método gráfico analítico-interpretativo de síntese aplicado à cidade construída para compreender os elementos morfológicos e suas relações. Nesse estudo, a produção gráfica de esquemas analíticos-interpretativos é realizada para avaliar o tecido, o traçado e sua sedimentação a partir da decomposição de seus elementos. Os desenhos são realizados no programa Autocad, com base extraída da planta georeferenciada de 2015 disponível no site da Prefeitura Municipal de Vila Velha. Para a análise histórica, utiliza o redesenho dos mapas de 1896 e 1950 elaborados pelo historiador capixaba Jair Santos e disponibilizados no livro “Onde começou o Estado do Espírito Santo”. Os desenhos são concebidos com os mesmos critérios gráficos e escalas de representação para possibilitar a comparação entre si. Para fundamentar a análise crítica, a pesquisa se baseia em autores como Coelho (2014 e 2015), Cozen (1960), Fernandes (2014), Lamas (1993) e Proença (2014a e 2014b).

A Prainha é o primeiro povoamento urbano consolidado no Espírito Santo durante o período colonial (SANTOS, 1999). Nessa época são edificadas exemplares, que na atualidade constituem bens culturais de valor arquitetônico e religioso: a igreja Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1853 e o Convento Nossa Senhora da Penha erguido em 1558 (ESPÍRITO SANTO, 2009). O local sofre inúmeras transformações que alteram significativamente os elementos definidores da sua forma urbana. No entanto, a permanência de alguns remanescentes significativos leva o reconhecimento desses bens como patrimônio cultural capixaba e o tombamento do sítio histórico em 2015 no âmbito municipal (PMVV, 2015). Os aspectos supracitados reúnem razões substanciais para a escolha do sítio histórico da Prainha como

suporte para o estudo de sua forma urbana.

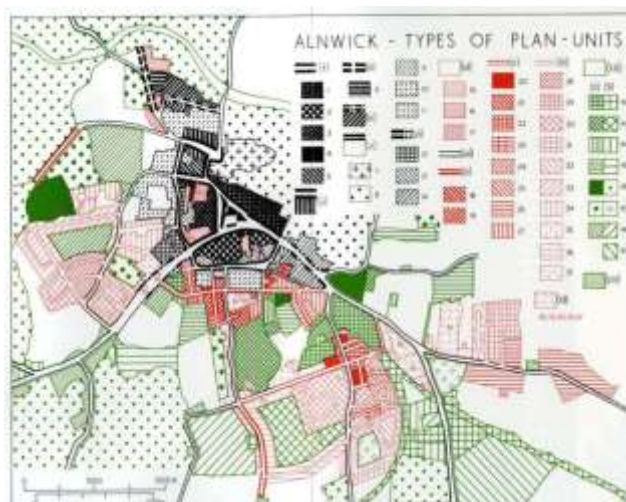
2. Morfologia Urbana e o Método de Análise Gráfica

Lamas (1993, p. 37) ressalta que a Morfologia Urbana possibilita o estudo “das formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem”, ou seja, permite o estudo da gênese da sua formação e as metamorfoses com o intuito de identificar o momento de produção e sua articulação com o meio urbano. Seu estudo relaciona-se a compreensão de fatos sociais, políticos e culturais, bem como sua transformação ao longo do tempo.

O efeito do tempo para construção e a leitura morfológica da cidade exprime três categorias conforme destaca Fernandes (2014): formação (processo de adições cumulativas e origem da estrutura urbana), transformação (processo evolutivo) e permanência (elemento que resiste ao processo de produção e sobrevive ao tempo). A dimensão temporal contempla também o futuro, pois o espaço urbano do presente carrega a materialização do passado e, segundo Coelho (2014), corresponderá a projeção para um futuro imediato. Nesse sentido, a compreensão do espaço urbano como um processo dinâmico torna possível associá-la a um palimpsesto nos quais a sucessão de vários períodos históricos pode gerar permanência ou não da etapa anterior.

Em meados do século XX, métodos aplicados à leitura da cidade construída foram consolidados para a compreensão da forma urbana em diferentes contextos culturais e disciplinares. No contexto italiano, o arquiteto Saverio Muratori, durante a década de cinquenta, a partir de uma abordagem tipológica-projetual, desenvolve ferramentas de análise baseada nas noções de tipo e tipologia. O autor realiza estudos sobre a cidade de Veneza e, posteriormente, sobre Roma. As definições de tecido urbano, de organismo urbano e de edifício-tipo são definidas nesses estudos. No contexto inglês, pautado em uma abordagem histórico-geográfica, Cozen (1960) relata que a leitura dos elementos urbanos ao longo da história é indispensável para a compreensão da forma urbana. O autor concebe um método de análise cartográfica para análise morfológica das cidades inglesas (Figura 1), pautada a partir dos conceitos de *fringe-belt* (cinturões periféricos que constituem barreiras morfológicas) e *burgage cycle* (progressiva ocupação edificada da parcela - processo cíclico de transformação da propriedade privada ao longo do tempo e consequente redução do seu espaço livre).

Figura 1: Análise da planta da cidade de Alnwick, Northumberland de Cozen



Fonte: Cozen, 1960.

Os estudos de Colin Rowe e Fred Koetter destacam-se pela representação contrastada e simplificada da planta das cidades a partir da década de 1970. No livro *Collage City*, os autores desenvolvem a crítica à cidade moderna e concebem esquemas gráficos utilizados como ferramenta de análise designados por *figure-ground plan* como demonstra a Figura 2. O método figura-fundo corresponde a uma representação simplificada e bidimensional do espaço livre e permite uma análise dicotômica entre o edificado e o não construído, bem como o edificado e seu suporte.

Rowe recorreu ao método figura-fundo, procedente das teorias psicológicas da Gestalt sobre a percepção, para desvendar a forma interna de cada modelo urbano. (...) Rowe, ao basear-se nos psicólogos da Gestalt, apelava a um dos mecanismos básicos da percepção e da inteligência humana: provavelmente o primeiro ato sistemático para interpretar a realidade visível consista em distinguir a figura sobre o fundo. (MONTANER, 2002, p. 190)

Figura 2: Mapa figura-fundo de Colin Rowe e Fred Koetter



Fonte: Montaner, 2002.

O sistema figura-fundo destaca-se como um importante aliado para entendimento do traçado urbano, pois possibilita a materialização gráfica da própria cidade a partir da produção em lâminas dos diferentes elementos que o constituem, bem como a consequente leitura da forma urbana por uma perspectiva comparativa.

Na década de noventa, o arquiteto catalão Manuel de Solá-Morales destaca que o processo de construção da cidade resulta do crescimento urbano, definido a partir de três categorias (Figura 3): urbanização, parcelamento e edificação e suas inúmeras possibilidades de combinação ao longo do tempo.

Figura 3: Estudo do crescimento urbano por Manuel de Solá-Morales

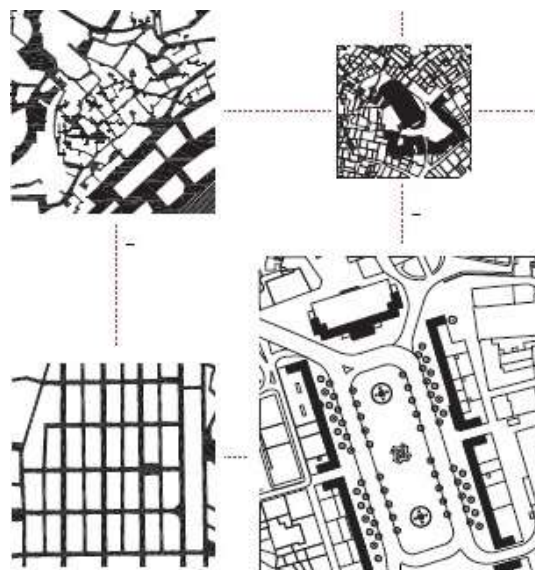


Fonte: adaptado de Fernandes, 2014

Na década de noventa se consolida também a escola portuguesa de morfologia urbana, a partir dos estudos de José M. R. Garcia Lamas e seu clássico livro “Morfologia urbana e desenho da cidade”. Nesse estudo, o arquiteto destaca a importância da representação cartográfica como método fundamental de leitura. “O desenho significa a unidade do método arquitetônico, sem o qual não poderá existir verdadeira criação de espaços urbanos ou transformações qualitativas do território” (LAMAS, 1993, p. 511). No final do século XX, destaca-se o trabalho do arquiteto Nuno Portas, ao promover distintas reflexões acerca da forma da cidade e os seus processos originários, com ênfase ao traçado urbano e ao espaço público.

Ao longo do século XXI, ainda em Portugal, destacam-se os estudos de Vitor de Oliveira, na Faculdade de Engenharia do Porto, junto ao CITTA (Centro de Investigação do Território, Transporte e Ambiente) com a linha de pesquisa UPH - *Urban Planning and Housing*. Em 2016, o autor publica o livro *Urban Morphology: an introduction to the study of the physical form of cities*, onde destaca os elementos constituintes do tecido urbano e suas principais abordagens. No século XXI, evidencia-se o estudo do arquiteto Carlos Dias Coelho. Em 2006 integra a equipe que funda o laboratório *Forma Urbis Lab* junto a Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. A construção do Atlas Morfológico da cidade em Portugal foi determinante para a consolidação desse grupo, pois foi um trabalho que realizou a ilustração e a descrição da forma física de diversas cidades portuguesas.

Figura 4: Estudo da forma urbana por Carlos Dias Coelho



Fonte: adaptado de Coelho, 2015

A leitura da cidade produzida pelo laboratório *Forma Urbis Lab* consiste na decomposição analítica dos elementos que compõem o tecido urbano: traçado, malha, praça, rua, quarteirão, parcela, edifício singular e comum para o estudo da concepção formal (Figura 4). Essa leitura será utilizada como referencial dessa pesquisa.

Pelo supracitado, destaca-se alguns estudos relevantes sobre a forma urbana que utilizam o método de análise gráfica para compreensão da estrutura física que molda e estrutura a cidade construída. Como destaca Allain (2005) mapas, reproduções cartográficas, fotos e maquetes digitais podem ser utilizados para compreensão dos significados, aspectos

formais, práticas espaciais e culturais de um lugar.

3. O Tecido da Prainha e sua Decomposição

O tecido urbano é a expressão física e tridimensional da cidade. Segundo Lamas (2013), o tecido urbano se assenta sobre um suporte preexistente (sua topografia) e expressa a realidade da cidade construída e sua relação indissociável entre seus elementos, bem como a relação intrínseca entre o público e o privado, o espaço e o edificado.

O tecido é constituído pelo conjunto de elementos físicos – o sítio, a rede viária, a divisão cadastral, a relação entre os espaços construídos e livres, a dimensão, a forma e o estilo das construções – e pelas relações estabelecidas entre estes elementos”. (MERLIN apud COELHO, 2015, p. 14)

O estudo do tecido urbano permite a compreensão da evolução urbana, pois condensa a história e seus sucessivos momentos de crescimento. Um fragmento de tecido da cidade pode revelar tanto a sua conformação original quanto as contínuas transformações adicionadas a este fragmento. Justo (2014) ressalta que a história possibilita o reconhecimento dos tempos distintos da cidade e do ritmo evolutivo de cada elemento, ao permitir a compreensão das transformações e suas permanências para se adequar ao contexto de cada época.

Para facilitar a análise interpretativa do tecido, ele é desmembrado em partes. Fernandes (2014) enfatiza que a decomposição é um exercício teórico de abstração que inclui o entendimento da história e das relações intrínsecas com o meio. Para Coelho (2015), a abstração dos principais sistemas contempla uma abordagem teórica de simplificação que facilita sua compreensão. A partir do método de análise da forma urbana proposto por Coelho (2015) e utilizado pelo laboratório *Forma Urbis Lab*, o tecido pode ser decomposto de duas maneiras: sistêmica ou elementar.

A decomposição sistêmica engloba o desmembramento do tecido em três partes: traçado, parcelário e malha. O traçado é o elemento mais evidente no ato de projetar e confunde-se com o gesto do criador (LAMAS, 2004). Envolve o desenho dimensionável que estrutura as parcelas individuais. A parcela materializa fisicamente a divisão de propriedades, rural ou urbana, além de configurar um dos principais suportes ou condicionadores da organização e evolução espacial. E a malha urbana abrange a relação entre as parcelas e as vias, isto é, a maneira como se estrutura o tecido urbano em função da complexidade da rede viária.

Desde os primórdios da ocupação do território da Vila Velha, verifica-se a concepção de um traçado regular, em uma área de fundo de vale, que se inicia no mar e faz a conexão com o restante da cidade, como demonstra a Figura 5. O parcelamento culmina em lotes estreitos e compridos, oriundos da época de formação do povoado, que expressam características do urbanismo colonial. Predomina a malha regular, porém com algumas deformações para adequação ao sítio.

A decomposição elementar engloba tanto os componentes públicos quanto os privados que representam a variação da materialização da cidade e sua cultura em várias épocas. Os componentes públicos contemplam a rua e a praça, enquanto os componentes privados envolvem o quarteirão, a parcela, bem como os edifícios comuns e singulares.

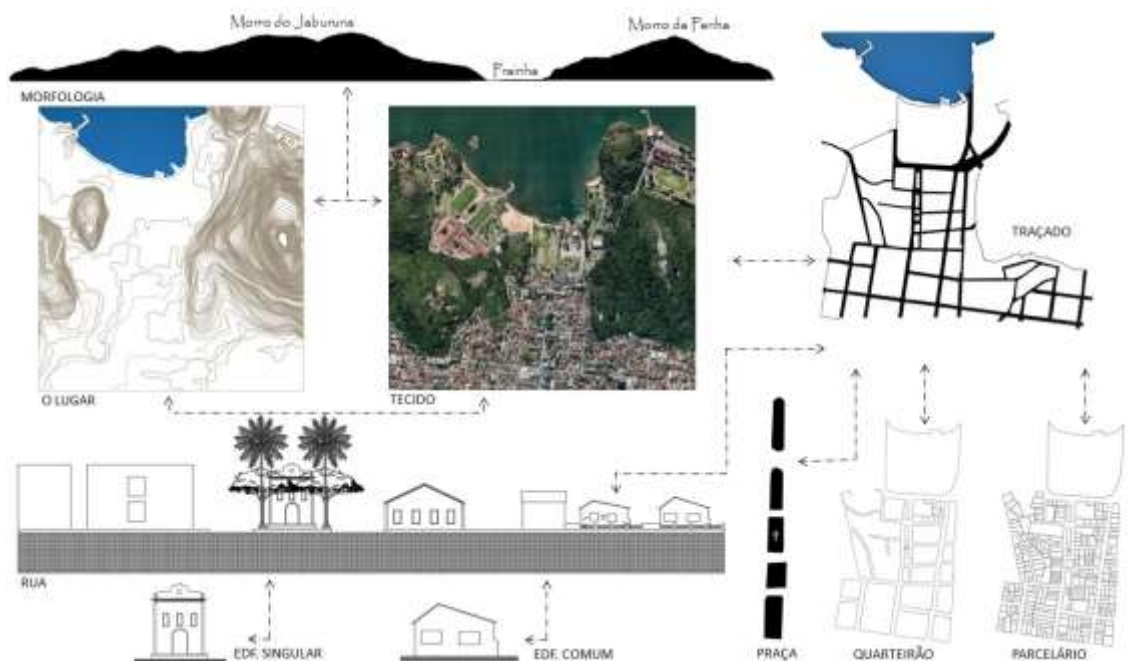
Figura 5: Decomposição Sistemática



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

No caso da Prainha, a decomposição elementar evidencia que o vetor principal para a configuração do traçado urbano são os aspectos sociais (Largo do Rosário como centro da vida urbana), religioso (Igreja do Rosário para catequisar os índios) e econômicos (proximidade com o mar – a porta de entrada e saída de mercadorias e pessoas). Esses aspectos, associados aos condicionantes físicos (topografia e mar) estruturam o tecido urbano. A Prainha possui uma malha compacta, definida no fundo de vale e delimitada por barreiras físicas naturais. O traçado estrutura-se a partir de um núcleo primordial que é o eixo da praça da Igreja do Rosário, que se configura como elemento gerador principal para formação secundária de novos traçados hierarquizados para ocupação no fundo do vale.

Figura 6: Decomposição elementar



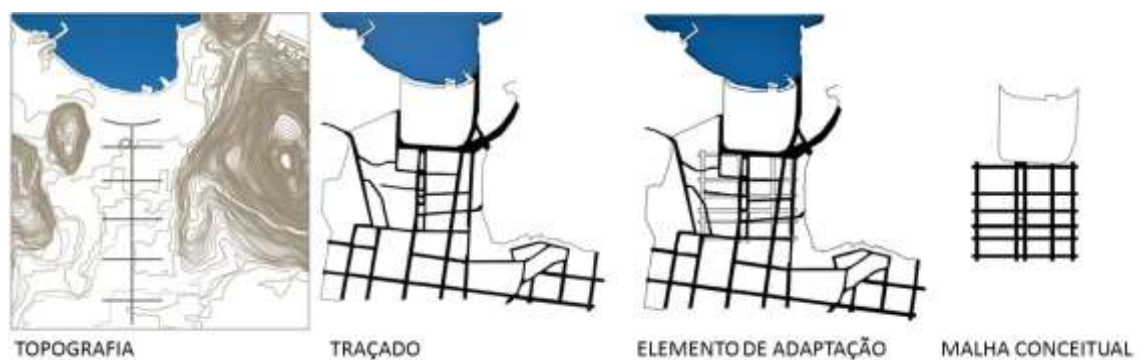
Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

4. A Evolução do Traçado Urbano da Prainha

O traçado pode ser compreendido tanto como permanência (remanescentes da cidade construída) ou projeto (ato de traçar, conceber mentalmente um objeto). Em ambos os casos, revela-se como um ato de abstração. O sítio pode influenciar tanto a concepção do desenho primário do traçado quanto atuar como um elemento deformador de malhas. O sítio apresenta acidentes topográficos que condicionam o território – exibem limites que podem impedir ou condicionar a forma do traçado.

Na Prainha, o relevo é protagonista na definição do traçado. A topografia plana condiciona a concepção de um traçado regular, estruturado a partir de ruas perpendiculares entre si. Os eixos transversais possuem como limite o mar em uma das extremidades, enquanto a outra ponta constitui o elo de conexão com a cidade, ao longo da sua expansão urbana. Os eixos longitudinais do traçado possuem como limite os morros da Penha e do Jaburuna (Figura 7).

Figura 7: Sítio como gerador de traçado



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

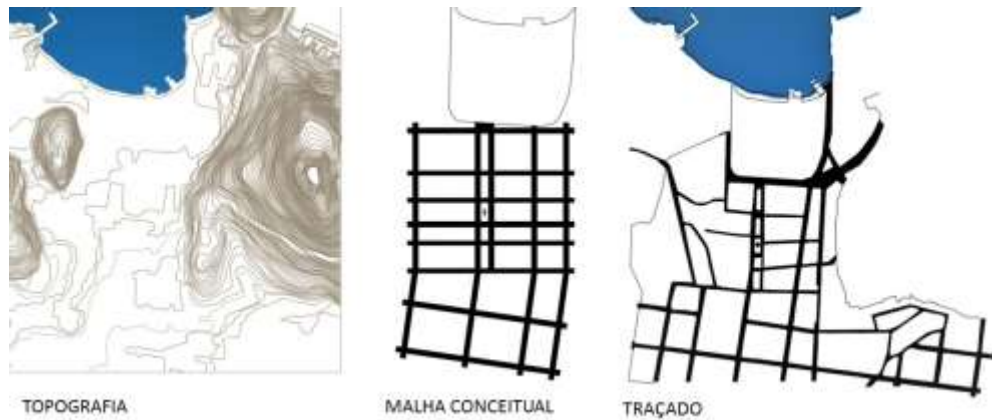
A concepção inicial de um traçado possui a finalidade de estruturar um eixo principal determinante para a concepção de novas composições que podem definir a hierarquização do elemento gerador. O desenho inicial de um traçado define um modelo teórico, que traz implícito a ideia de regularidade. Porém, sua materialização, nem sempre é perfeita pois exige que adaptações e ajustes sejam realizados para promover a adequação ao sítio. Esse processo de adaptação origina um efeito deformador das malhas, que segundo Coelho (2015) pode ser de dois tipos: por torção ou ruptura.

A deformação por torção configura-se pela concordância de traçados parciais desenhados em direções divergentes que, por sua vez, produzem ruas sinuosas, com um ou mais pontos de inflexão.

Este fenômeno origina-se por razões distintas, uma vez determinada pelas curvaturas dos eixos nucleares que estruturam a composição, outras por concordância de direções diferentes entre as partes que constituem o traçado ou ainda por valorização das direções de elementos preexistentes, produzindo em qualquer dos casos efeitos que se assemelham”. (COELHO, 2015, p.41)

No sítio histórico da Prainha, o traçado evidencia uma torção devido a concordância da malha que se implanta em direção divergente (Figura 8). Observa-se uma inflexão ao Sul da Rua 23 de Maio e, ao Norte, o traçado homogêneo e ortogonal, definido pelo eixo primordial.

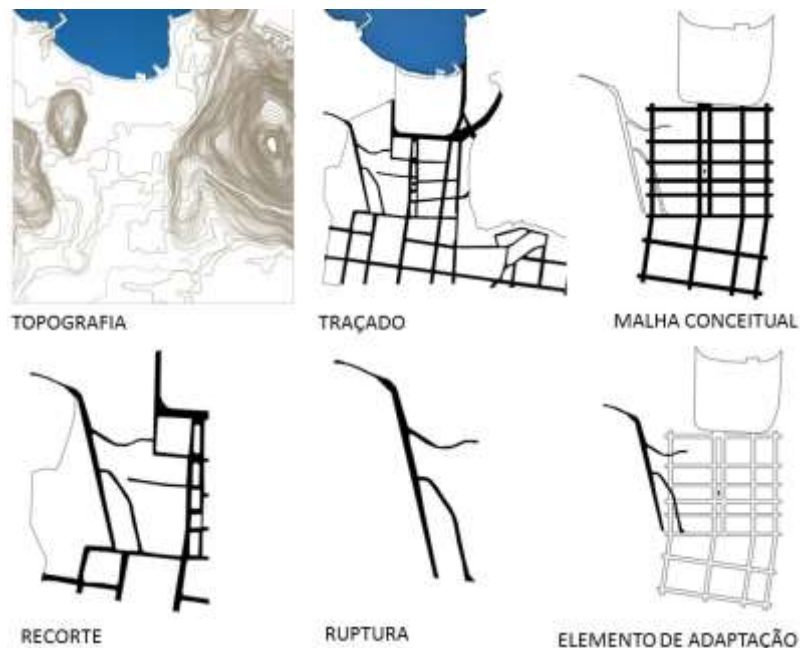
Figura 8: Deformação por torção



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

A deformação por ruptura ocorre devido aos obstáculos e sua consequente integração na configuração do tecido urbano. Nesse contexto, destacam-se os acidentes geográficos que promovem interrupções na malha e concebem elementos incomuns e, algumas vezes, oscilações bruscas na forma. A Prainha apresenta três tipologias de ruptura decorrentes de situações sociais, políticas e econômicas que, ao longo da estruturação do traçado no sítio, promoveram mutações. A primeira ruptura (Figura 9) provoca o recorte do traçado para adaptação ao Morro do Jaburuna. Por consequência, delinea o caminho para a colina do Inhoá.

Figura 9: Deformação por ruptura para adaptação ao Morro do Jaburuna

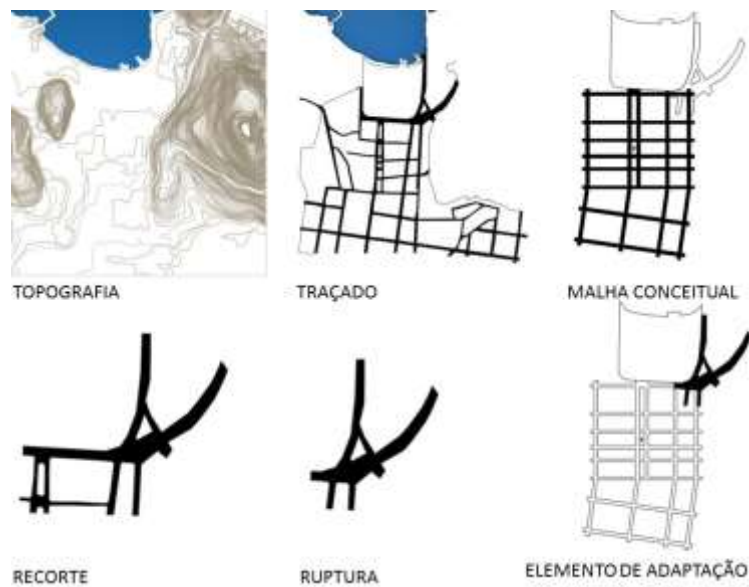


Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

A segunda deformação (Figura 10), inicialmente ocorria na conexão do mar com o povoado inicial da Prainha, na antiga área de desembarque de barcos denominada de Cais dos

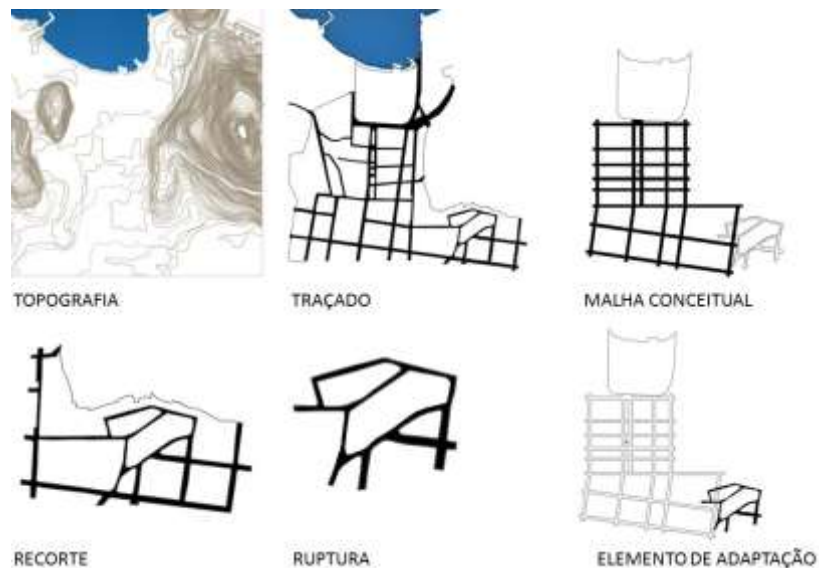
Padres. Na década de 1970, ocorre o aterramento da Enseada da Prainha, que transforma a área defronte ao povoado em um grande parque urbano. Ao lado – conectado ao morro da Penha, instala-se a base do 38º Batalhão de Infantaria do Exército Brasileiro. Para abrir novos caminhos de acesso à base militar, promove-se a extensão da Rua Antônio Ataíde e a abertura da Rua Alameda Soldado Adenilton Miranda. Exatamente nesse ponto, conforma-se a segunda ruptura.

Figura 10: Deformação por ruptura para conexão à base militar



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

Figura 11: Deformação por ruptura para adaptação ao Morro da Penha



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

O morro da Penha, também denominado de Morrinhos (SANTOS, 1999) abriga o patrimônio cultural capixaba mais importante – o Convento da Penha. Santos (1999) descreve

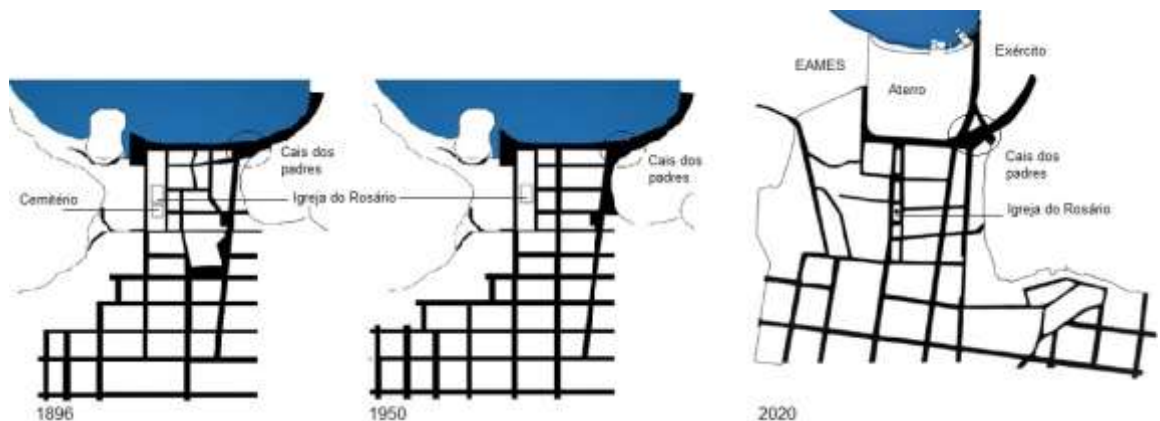
que a mata era exuberante e tomava todo o morro. Ao longo dos anos, ocorrem ocupações irregulares e inicia-se a polêmica das habitações que estariam em área preservada ou em terreno doado pela igreja. O traçado sofre uma acomodação áspera, que resulta em um desenho orgânico e disperso, que caracteriza a terceira deformação por ruptura (Figura 11).

5. Sedimentação

A Prainha de Vila Velha passa por inúmeras transformações desde a chegada dos portugueses e a criação do primeiro povoado da capitania do Espírito Santo. As constantes invasões culminam na transferência da capital do Estado de Vila Velha para a cidade de Vitória. O povoado da Prainha sobrevive como uma vila modesta, apesar do seu ínfimo desenvolvimento. Somente no século XX, a Prainha passa por mudanças significativas com intervenções urbanísticas de obras de implantação de saneamento básico, alargamento de ruas e implantação de bondes. Santos (1999) destaca que a chegada do bondinho e o saneamento promovem o alargamento de algumas ruas e o desenho de um traçado mais regular como pode ser observado no mapa de 1950 (Figura 12). As transformações mais evidentes no tecido urbano da Prainha ocorrem com as construções dos aterros. A partir de 1912, ocorre o primeiro aterro para implantação do bonde elétrico, construção da estrada do Timbebas e implantação da Escola de Aprendizes de Marinheiros (EAMES) – intervenções que modificam o traçado local. Outros aterros ocorrem consecutivamente em 1951 a 1954. Todavia, o último, em 1970, causa o maior impacto e descaracterização do sítio, destruindo a primitiva Enseada da Prainha.

A observação dos mapas desde 1896 até o de 2020 (Figura 12), evidencia a permanência de elementos determinantes da composição do tecido, tais como a localização da Igreja do Rosário como uma peça chave para o desenho urbano da Prainha e as edificações ao seu redor. Percebe-se a permanência e resistência do conjunto que compõe o tecido de origem e a complexidade da forma aprecia uma leitura vinculada a um processo sedimentar de uma tipologia heterogênea dos elementos que constituem a forma urbana.

Figura 12: Evolução do tecido urbano da Prainha



Fonte: Oliveira e Almonfrey (2020)

A análise do tecido evidencia um elemento que sofreu metamorfose: a Praça Tamandaré, situada no Eixo da Igreja do Rosário (Figura 12). Essa praça é um elemento que expressa um processo sedimentar do tecido, relacionado a diferentes configurações. Antes de se tornar uma praça, abrigou o cemitério da Igreja do Rosário – um modelo de implantação

comum aos espaços religiosos de Portugal que os colonizadores trouxeram para a colônia. Nas intervenções urbanísticas do período republicano, o cemitério foi retirado por questões higienistas (SANTOS, 1999) e um grande jardim com coreto foi implantado com a intenção de criar um local agradável ao convívio da população. Para consolidar o eixo visual do Largo do Rosário, duas fileiras de palmeiras imperiais são plantadas na tentativa de conceber uma paisagem pitoresca da Prainha. Posteriormente, a forma da Praça inicial foi fragmentada em cinco partes, o que resulta no seu desenho atual.

A forma urbana da Prainha passa por várias configurações. Da planta de 1896, projetada pelo engenheiro Antônio Athayde até a planta de 1920, cujo traçado prevalece até a atualidade, o traçado sofre alterações para se adaptar ao contexto de cada época. A forma atual da malha urbana traduz um processo de desenvolvimento oriundo do seu processo de fundação, regida por vetores que interligam o espaço e tempo. Esses vetores foram bastantes atuantes, como a ordem religiosa que liderou o território e a iniciativa do povoamento, instituindo direitos e deveres entre as parcelas. Fica evidente que o relevo – sobretudo os morros, o mar e o vale - imprimem ao traçado urbano os limites naturais do território e são determinantes para o seu desenho. Essas barreiras foram ainda a causa da deformidade da malha que sofreu modelagens e ajustamentos imposto pelo sítio.

Apesar das inúmeras transformações ocorridas na Prainha, o local manteve seu caráter residencial, adensamento baixo e preservou remanescentes arquitetônicos de diversas épocas, o que o configura, na atualidade, como um sítio histórico bastante heterogêneo, caracterizado pela diversidade.

6. Considerações Finais

Diante do exposto, inferiu-se que, nos estudos da forma urbana, a representação gráfica tem sido utilizada como um importante método de leitura e interpretação pois constitui um relevante instrumento de síntese, ao permitir a decomposição dos elementos urbanos. A representação gráfica é utilizada como mecanismo de análise pois expressa as reflexões construídas ao longo da pesquisa. Para Proença (2014b), esses desenhos não são meramente ilustrações, mas parte essencial da argumentação.

A pesquisa mostra que a utilização do método gráfico analítico- interpretativo de síntese utilizado permite a desagregação dos elementos constituintes do tecido para estudo. Os desenhos produzidos sintetizam os elementos morfológicos que compõem a materialização do espaço urbano sedimentado e possibilitam avaliar a ação do tempo no processo de produção do sítio histórico da Prainha.

A representação gráfica mostra-se fundamental para o exercício de abstração que objetiva compreender o todo a partir de seus elementos conformadores e suas relações. Possibilita a leitura de aspectos complexos da realidade construída da Prainha por meio da simplificação sintética dos desenhos. A comparação entre os elementos gráficos produzidos na pesquisa configura a chave para a leitura da forma urbana, apoiado em um descritivo do processo de produção.

Os resultados dessa pesquisa visam contribuir para o avanço das pesquisas sobre a forma urbana no Brasil, bem como na compreensão deste importante patrimônio capixaba, de modo a corroborar para sua preservação.

Notas e Agradecimentos

À Fapes (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo) pelo financiamento da pesquisa “Arquitetura e neurociência: correlação entre os mecanismos de memória e atenção e suas implicações na preservação do patrimônio cultural da Prainha em Vila Velha/ES”, edital FAPES nº 22/2018, termo de outorga 065/2019. Os resultados integram a iniciação científica “Análise morfológica do Eixo do Rosário em Vila Velha: transformações e ressignificações”, com bolsa FAPES. A pesquisa também está vinculada ao grupo de pesquisa Arquitetura, Cidade e Patrimônio (<https://arquiteturacidadep.wixsite.com/arqcidadepatrimonio>).

Referências

ALLAIN, Rémy. **Morphologie urbaine. Géographie, aménagement et architecture de la ville.** Paris: Armand Colin, 2005.

COELHO, Carlos Dias. Os tempos da cidade. Uma metamorfose incompleta. In: COELHO, Carlos Dias (coord). **O tempo e a forma.** 1ª ed. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 1, p. 12-31 (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

COELHO, Carlos Dias (coord). **Os elementos urbanos.** 2ª ed. Lisboa: Argumentum, 2014. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

CONZEN, Michael Robert Günter. **Alnwick, Northumberland: a study in town-plan analysis.** Institute of British Geographers. Publication 27. London: George Philip, 1960.

ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado de Cultura. Conselho Estadual de Cultura. **Arquitetura. Patrimônio cultural do Espírito Santo.** Vitória: SECULT, 2009.

FERNANDES, Sérgio Miguel Padrão. **Gênese e forma dos traçados portugueses.** 2014. 844. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

JUSTO, Rui. O diacronismo do tecido. 100 anos do quarteirão do Monumental. In: COELHO, Carlos Dias (coord). **O tempo e a forma.** 1ª ed. Lisboa: Argumentum, 2015. Capítulo 3, p. 50-69 (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

LAMAS, Jose Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade.** Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

PMVV (PREFEITURA MUNICIPAL DE VILA VELHA). **Projeto de Lei no 44/2015.** Cria o Sítio Histórico da Prainha de Vila Velha.

SANTOS, Jair. Vila Velha. **Onde começou o Estado do Espírito Santo.** Fragmentos de uma história. Vila Velha: GM editora, 1999.

PROENÇA, Sérgio dos Santos Barreiros. A resistência da forma urbana. A persistência dos traços na forma da cidade. In: COELHO, Carlos (coord). **O tempo e a forma.** Lisboa: Argumentum, 2014a. Cap. 2, p. 32-49. Cadernos Murb - Morfologia urbana 2. Estudos da cidade portuguesa.

_____. **A diversidade da rua na cidade de Lisboa: Morfologia e Morfogénese.** 2014. 715. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014b.